

SONHOS ROUBADOS DE UMAS MENINAS DA ESQUINA: TRADUÇÕES INTERSEMIÓTICAS OU DIALOGISMO INTERTEXTUAL ENTRE LITERATURA E CINEMA BRASILEIROS

Gislene Maria Barral Lima Felipe da SILVA³⁸
Mônica Horta AZEREDO³⁹

RESUMO

O livro *As meninas da esquina: diários dos sonhos, dores e aventuras de seis meninas do Brasil*, de Eliane Trindade, traz o relato de seis adolescentes e jovens que vivem da prostituição, e inspirou o filme *Sonhos roubados*, dirigido por Sandra Werneck. A partir desses produtos culturais, propõe-se analisar como a linguagem e o discurso dessas adolescentes e jovens brasileiras participam da construção de suas identidades, bem como se busca compreender as estratégias do processo tradutório de uma obra verbal para uma audiovisual e suas ressignificações. Busca-se traçar um panorama dialógico apontando as aproximações e distanciamentos na representação desse grupo de adolescentes e jovens nos dois diferentes gêneros e suportes. Com base em categorias teóricas desenvolvidas por Mikhail Bakhtin, especialmente noções como intertextualidade, dialogismo, polifonia, e gêneros discursivos, entre outras, pretende-se explicitar o processo de construção identitária iniciada com o "diário de encomenda", culminando com a ficcionalização do que, a priori, aparece *deguisé* como "real".

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Cinema; Gêneros Discursivos; Intertextualidade; Juventude.

1. Introdução

O livro *As meninas da esquina: diários dos sonhos, dores e aventuras de seis meninas do Brasil*, de Eliane Trindade, publicado em 2005, traz o relato de adolescentes

38 Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva é doutora em Literatura e pesquisadora do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB). Professora aposentada da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF). Endereço de correspondência: Rua 7, casa 8, Vila Planalto, Brasília-DF, Brasil, CEP 70.804-270. E-mail: gislenebarral@felipedasilva.com

39 Mônica Horta Azeredo é doutora em Português pela Université Rennes 2 e doutora em Teoria Literária e pesquisadora do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB). Professora aposentada da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF). Endereço de correspondência: Rua 7, casa 8, Vila Planalto, Brasília-DF, Brasil, CEP 70.804-270. E-mail: monicahortaazeredo@gmail.com

e jovens que guardam várias características em comum, principalmente o fato de terem nascido e crescido em ambientes que escancaram os meandros da violência sistêmica no Brasil. Como uma herança que se explica por fatores históricos, aliada à precariedade das instituições e à falência de políticas públicas, essas adolescentes e jovens acabaram sendo empurradas, desde a infância, para a exploração comercial de seus corpos, naturalizada como forma legítima de obtenção dos meios de sobrevivência ou de acesso a seus sonhos de consumo. Partindo dessa temática, a obra inspirou o filme *Sonhos roubados*, dirigido por Sandra Werneck e lançado em 2009.

Embora se possam ver as duas peças como narrativa autobiográfica e filme-denúncia, respectivamente, são produtos culturais e fenômenos de linguagem que, mesclando diferentes gêneros, propõem, entre si, um movimento intertextual, quando aos 22 segundos, exibe-se na tela que o filme foi “baseado no livro *As meninas da esquina: diários dos sonhos, dores e aventuras de seis meninas do Brasil*, de Eliane Trindade”. Trata-se de uma relação intertextual porque o texto filmico se relaciona dialogicamente com o texto pré-existente do livro. Na capa da 3ª. edição do livro, a inscrição “livro que inspirou o filme *Sonhos roubados*, de Sandra Werneck” certamente movimentou mais a circulação cultural e comercial do livro.

Este texto propõe pensá-las como obras que colocam no centro da cena a linguagem e o discurso de jovens brasileiras que não têm a possibilidade de terem sua voz ouvida socialmente em um mundo que participa da construção social de suas identidades, e do qual elas participam em geral como alteridades, como o “outro” de quem se fala. Contudo, chama a atenção não apenas os fatores sociais dessa construção, mas também a elaboração formal da obra, bem como o aspecto ficcional das histórias tecidas nos “diários de encomenda”, que, a priori, aparece *deguisé* como “real”. *Deguisé* porque é impossível ao leitor ter acesso direto à realidade, à experiência das narradoras; o que ele acessa é uma relação com os discursos sobre essa realidade que é mediada pela linguagem. E também o discurso dessas adolescentes e jovens não é a sua realidade, porque, conforme considera Bakhtin, o discurso não é o real, mas a construção semiótica do real (1993:32).

Em um segundo momento, quando se centra na análise do filme, busca-se compreender as estratégias do processo tradutório de uma obra verbal para uma audiovisual e suas ressignificações.

2. As meninas da esquina: o livro

Enquanto o título do livro anuncia quem fala (as adolescentes e jovens) e seu lugar de fala (da esquina, da rua, do ponto de prostituição), o subtítulo do livro traz muitas indicações (“diários dos sonhos, dores e aventuras de seis meninas do Brasil”): em uma escrita autobiográfica, essas brasileiras vão falar de suas experiências positivas e negativas. Explicitar a ideia de nacionalidade é deixar subentendidas aí uma visão crítica e a ideia de denúncia em relação a todo um processo histórico e político de exclusão social, econômica e cultural.

A denúncia se apresenta também quando as falas dessas alteridades são trazidas ao centro do discurso, conferindo projeção existencial a esses seres humanos por meio da linguagem e atribuindo-lhes experiência e um espaço a partir do qual elas podem falar e suas palavras podem circular. Por isso, suas autorrepresentações trazem elementos de identificação, de questionamento e de ruptura com a visão da margem como espaço destinado a esse grupo. Quando essas adolescentes e jovens assumem a fala e deixam de ser o “outro” de quem se fala, um “objeto de fabricações de alguém diferente, e não um sujeito com poder e voz” (Joffe, 1998:109), muda-se a perspectiva a partir da qual são olhadas.

Assim, os textos de Natasha, Britney, Milena, Yasmim, Vitória e Diana, ao servir ao propósito de construir perfis de uma geração de meninas que, desde o nascimento, veem-se condenadas a um destino irreversível e inexorável, se prestam a apontar as mazelas de uma sociedade que produz esse contexto de exclusão. E o que essas adolescentes e jovens sentem e dizem refletem as concepções, como em um espelho invertido, da sociedade em que vivem, pois, sendo o texto dialógico, segundo nos faz pensar Bakhtin (1979:35-36), a palavra de um é sempre atravessada pela palavra do outro, imbricando-se práticas discursivas e processos sociais.

Para além do que essas adolescentes e jovens dizem sobre si, o livro e o filme, no dialogismo de seus enunciados, deixam entrever as ideias, explicações, opiniões, crenças, enfim, as representações sociais que circulam socialmente sobre o fenômeno do abuso e da exploração sexual de adolescentes e jovens no país. Ao se buscar identificar algumas dessas representações, é possível conhecer vozes de diferentes segmentos sociais que atravessam os discursos dessas meninas, os quais mostram como a sociedade brasileira lida com elas e suas dificuldades.

Segundo Bakhtin (1992:318), vozes distintas de outrem podem ser incorporadas ao enunciado através de duas maneiras básicas: 1) o discurso do outro é “abertamente citado e nitidamente separado”; 2) o enunciado é bivocal, isto é, internamente dialogizado. Na primeira, entram formas de composição como o discurso direto e o discurso indireto, as aspas, a negação; e na segunda, aparecem a paródia, a estilização, a polêmica velada ou clara. Todas essas formas dialógicas surgem em momentos diferentes das narrativas dos diários, embora mais comuns sejam as construções em discurso direto e em discurso indireto, como nos exemplos seguintes.

Britney conta que sua avó

além de ficar gritando para eu ir embora da casa dela, dizia que eu era uma puta escrota e miserável. Não aguentei ouvir aquilo tudo, joguei o feijão no chão. Meu tio veio pra cima de mim e me encheu de porrada [...] Minha irmã também me deu porrada (Britney – Trindade, 2010:78, grifo nosso).

Mesmo seus companheiros se dirigem às adolescentes e jovens com impropérios e desqualificativos:

Consegui me soltar, ele me catou de novo quando chegou na esquina e continuou gritando:

– Sua vagabunda, vamos embora pra casa! (Vitória – Trindade, 2010:40, grifo nosso).

Além da violência doméstica, outras formas de abuso se repete em várias circunstâncias, sob distintas formas, como a exercida pela polícia, expressa nos discursos da policial e do delegado:

A policial só ficava gritando: “Vai! Vai! Vai! Dá toda droga que você tem aí, a gente faz um acerto, joga nas costas do mané que tá preso e você vai embora pra sua casa!” Depois apareceu o delegado dizendo que se eu não fizesse tudo o que eles estavam mandando, eu seria presa por causa da ponta que escondi no maço de cigarro (Vitória – Trindade, 2010:265, grifo nosso).

Eles não fizeram nada para prender o cara, só me encaminharam para o Conselho Tutelar por esse negocio de prostituição infantil. O rapaz que não me pagou está solto. O delegado ainda me chamou de nojenta, disse que eu estava mentindo... [...] ele veio com o papo de que eu não era vítima coisa nenhuma, porque estava usando roupa toda decotada (Diana – Trindade, 2010:281).

Também adolescentes da mesma idade, em brigas acintosas, assim se dirigem umas às outras:

– Foi tu que quebrou minha cabeça, jogou o copo no meu peito. Vem aqui que a gente vai te matar, sua puta (Britney – Trindade, 2010:72).

E a hostilidade se repete no âmbito da escola, que, como se lê no decorrer dos diários, não está preparada para lidar com esse público em situação de vulnerabilidade social:

Estou fazendo supletivo à noite. Mas não gosto do professor de matemática, nem da matéria dele. Ele é muito ignorante... Não se pode perguntar nada. *Chama todo mundo de burro* e não dá dez para ninguém (Yasmin – Trindade, 2010:179, grifo nosso).

Estou sem ânimo para trabalhar e estudar (...). Os professores ficam lá *explicando as coisas da apostila* que eu não tenho, não aprendo porra nenhuma. Só tiro nota vermelha. (Yasmin – Trindade, 2010:230, grifo nosso).

Além disso, há a desvalorização de seu tempo e corpo, quando o cliente manifesta que o serviço sexual prestado pela menina não vale o preço que ela cobra:

Seu Nicolau anda dizendo que cobro muito caro, R\$30,00. Ele chega a ficar três horas comigo. Acho que ele toma aqueles remédios para o negócio dele funcionar e ainda quer pagar menos (Diana –Trindade, 2010: 297).

Desse modo, por meio do dialogismo e do caráter polifônico de seus textos, é possível saber como essas adolescentes e jovens se veem tratadas, sempre de maneira desrespeitosa, hostil, humilhante, estereotipada e preconceituosa.

Se é assim que várias instâncias da sociedade falam dessas adolescentes e jovens, em que situações elas se acham? E como elas falam de suas vivências? Ouvindo suas palavras, é possível traçar alguns pontos em comum entre elas, apenas algumas recorrências que apontam para certas identificações entre suas vidas. É corriqueiro que tenham uma vida familiar instável, desagregada e marcada pelo desamparo parental, como descreve Diana:

Tenho 14 anos e vivo com uma tia, mas no momento durmo na casa de outra tia. Minha mãe mora em um quartinho no beco, só encontro com ela no meio da rua. Meu irmão de 16 anos também vive na casa de um e de outro parente. [...] Sempre dormi em um colchão no chão do quarto de uma das minhas primas. Nunca tive um quarto. Minhas coisas ficam espalhadas lá e cá (Trindade, 2010:273).

Essa desproteção e instabilidade levam a uma desorganização cotidiana que inviabiliza a rotina organizada de uma vida voltada para a escola, a aprendizagem e o convívio familiar e social. Então esse caminho esperado é trocado pela vida nas ruas, que traz, entre outras consequências, a iniciação sexual precoce, como aconteceu com Vitória:

Essa história de vender rosas foi o que me levou para a prostituição. Eu me prostituía para ter o dinheiro da rosa, era mais rápido. Jogava as flores fora assim que arrumava um cliente. Levava o dinheiro para Dona Maria e não precisava ficar vendendo mais nada. Podia brincar. Nem me lembro direito dos detalhes do meu primeiro programa[...] Eu não fazia a menor ideia do que estava para acontecer. Tinha uns 10 anos [...] (Trindade, 2010:240).

E, muitas vezes, acontece a experiência da maternidade bem cedo, e elas, em virtude da imaturidade e de suas circunstâncias de vida, se veem obrigadas a entregar os filhos aos cuidados de outras pessoas, reproduzindo o ciclo vivido por suas mães, conforme conta Vitória:

Por um tempo, minha irmã vai ficar cuidando dos meus filhos. Minha mãe também ajuda. É triste porque queria estar com meus filhos, cuidando deles num lugar só meu (Trindade, 2010: 251).

A beleza e a juventude dessas adolescentes e jovens é a moeda de troca que possuem, ingressando na prostituição como caminho inevitável, e, muitas vezes, acompanhada de abusos e violências, como diz Natasha:

[...] prostituição é fria. Dei um tempo depois que fui estuprada no mês passado por dois caras em uma caminhonete. Os boys colocaram um revolver na minha cabeça, fizeram tudo que queriam e como queriam e me deram R\$80,00 no final. [...] Estou preferindo ficar com o Gerson. Com ele, ganho R\$60 numa transa e é mais seguro (Trindade, 2010: 61).

Esse caminho acaba por se tornar a garantia de que terão como fazer face às suas necessidades de sobrevivência:

Meu tio chegou e disse que não tinha conseguido nada na rua. A gente não tinha nada pra comer, pois o dinheiro da aposentadoria da minha avó já acabou faz tempo. Tio Sidney ficou de fuxico com minha avó, dizendo que era pra eu fazer programa (Britney –Trindade, 2010: 68).

E, nessa trajetória, o dinheiro obtido lhes empodera pelo acesso aos bens de consumo, conforme confessa Vitória:

Comecei a conseguir bastante dinheiro fazendo programa dentro e fora da favela. Podia comprar todos os brinquedos que queria. Com a grana da prostituição, comprei minha primeira Barbie... Lá em casa, tinha guitarrinha, pianinho, coisa bacana que eu me dava de presente (Trindade, 2010:240).

Mas há também a fantasia e uma idealização amorosa, pela qual se entregam a indivíduos que as maltratam e desrespeitam:

Estou com vontade de ri atrás do André. Esse cara esta atrasando a minha vida e todo mundo pensa que atraso a vida dele. Os amigos dele são todos da pesada. Ele precisa muito de ajuda. Sofro por estar apaixonada por um cara

que não vale nada. Também não valho nada. [...] Ele fica lá com umas cachorras e não quer mais saber de mim. [...] Tentei tomar um monte de remédio para me matar, mas pensei duas vezes por causa da minha filha (Natasha –Trindade, 2010:19).

De fato, a vida desregrada, a falta de respeito e os maus tratos sofridos levam a uma ausência de expectativas promissoras e o envelhecimento precoce, pela própria ausência de autoestima e autodesvalorização, como percebe Milena:

Outra coisa está me deixando muito triste. Vou fazer 20 anos no dia 19 de março e estou com muito medo, pois estou ficando velha (Trindade, 2010:168).

Como lenitivo para a solidão e as dores de suas almas, as drogas aparecem como opção fácil e acessível:

O que me alivia é fumar maconha. Agora passei também a fumar mesclado (cigarro de maconha misturado com cocaína). Estou me drogando muito mesmo [...] Não quero mais fumar maconha, mas como fico muito sozinha e não tenho ninguém do meu lado, acabo indo prostituir pra comprar mais e mais droga. Estou muito sozinha e minha vida continua toda atrapalhada. Mas firmeza, fazer o quê? (Natasha –Trindade, 2010:60).

Entretanto, mesmo em meio a tantas mazelas, elas ainda são capazes de se divertir com atividades que lhes apraz, como o crochê, os passeios de bicicleta, a leitura e escrita de poesias, os cuidados com a aparência, a dança... Conseguem ainda sonhar e ter esperanças, por mais simplórias que pareçam, como abrir a sala de crochê (Natasha), tornar-se mãe (Diana), presentear os filhos (Vitoria), encontrar um verdadeiro amor (Milena), conseguir um trabalho (Britney), comprar uma geladeira (Yasmin), ou simplesmente ter dignidade (Natasha). Essas dualidades, essas contradições que constituem suas vidas, ao serem visualizadas pelas janelas que seus discursos abrem, dando vazão a suas vozes, promovem a humanização dessas adolescentes e jovens prostituídas por uma vida que, desde a infância, não lhes ofereceu outras oportunidades, nem lhe acenou outras possibilidades.

2.1. A voz narradora

A partir da própria escolha do tema do livro, e posteriormente a opção por determinada forma de abordagem e montagem, a autora Eliane Trindade se posiciona

em relação ao problema. Também o faz a diretora Sandra Werneck. Ambas mostram a percepção da importância em dar visibilidade ao problema de crianças, adolescentes e jovens brasileiras submetidas ao abuso e exploração sexual, a começar pela visão de si pelos próprios objetos desses discursos, que passam, ao ganhar espaço de voz e fala, a protagonistas, a sujeitos dessa problemática. Ao assumirem a autoria de livro e filme, Trindade e Werneck estabelecem um compromisso ético com o universo narrado, posicionando-se por meio de suas escolhas e omissões na materialização de suas ideias.

No livro, a autora está presente na escrita de determinadas partes e na montagem da obra, construindo uma espécie de moldura dentro da qual se organizam e se exibem os textos das seis adolescentes e jovens. Assume a escrita da dedicatória, a escolha da epígrafe – com a citação de trecho de Clarice Lispector em *Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres* que possibilita inferir que a obra teve origem na angústia que o problema gera na autora –, da apresentação, dos agradecimentos, e do capítulo 7. Nesse capítulo final, contendo “100 reflexões sobre *As meninas da esquina*”, a autora se coloca como uma voz cuja autoridade permite recortar passagens das falas das meninas e analisar passagens que “suscitam questões relevantes, para as quais a sociedade brasileira precisa encontrar respostas” (Trindade, 2010:328). Revela-se, nessa passagem, o empenho da autora para que a obra se mostre como uma grande reportagem, ilustrada pelos depoimentos dos diários. Monta ainda um posfácio com o retorno das falas das meninas, após a abertura de seus diários. Há também a inserção de um texto da World Childhood Foundation (WCF), ONG ligada ao tema e que apoiou a autora, colocando-a em contato com instituições em diferentes estados nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste. Essas partes do texto pertencem mais especificamente a uma esfera de organização da obra.

No entanto, mereceria uma análise à parte as interferências da autora no interior dos diários, nos capítulos 1 a 6, quando comporta como uma voz mediadora, e seus comentários aparecem no formato em itálico para se diferenciar da voz que fala no capítulo. São explicações, esclarecimentos, preenchimento de lacunas, e informações adicionais que a autora prevê, como leitora primeira dos diários, que são importantes ou necessários para que o leitor se esclareça naquele contexto.

As seis adolescentes e jovens, amparadas por uma Organização Não Governamental comprometida com o atendimento a crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual e com a busca de soluções para esse problema, são convidadas e aceitaram escrever ou gravar seus diários. Especialmente para essa ONG, a fala dessas

meninas tem uma função utilitária, no sentido de desvendar suas motivações, fragilidades, medos e sonhos, até mesmo como forma de, conhecendo-os, direcionar encaminhamentos eficazes para o que a autora coloca como, diferente da visão “de dentro” dessas meninas, um grave problema. Assim, ao aceitarem narrar seus textos autobiográficos, elas ficaram cientes de que suas gravações viriam a ter desdobramentos outros. E, assim, cada menina fala de si em seus discursos, em cada capítulo.

2.2. Natasha: das tragédias precoces à desilusão existencial

Com a alma desnuda. É desse modo que Natasha se percebe ao entregar as gravações de seu diário à autora do livro: “Esse e o meu diário. Acho que fiquei nua diante de todo mundo. Mas estou acostumada. Esqueci de contar, mas saí peladona como destaque na minha escola de samba no último Carnaval. Arrasei” (Trindade, 2010:63). Falar de si de modo tão íntimo e profundo a afeta porque presente se dirigir a leitores que estarão fora de seu universo de vida e do universo extratextual. A seus previsíveis narratários, diz: “boa noite, gente. Um beijo. Fiquem com Deus” (Trindade, 2010:24), pois “ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado” (Bakhtin, 1979: 325).

Tanto assim que ficamos sabendo que aos 15 anos, Natasha, que viera de uma experiência familiar tumultuada, torna-se mãe de uma menina que, assim como ela, vai crescendo em meio a instabilidades familiares, sendo criada por diferentes pessoas, indo de uma casa para outra. Ao tempo dos registros em seu diário, ela conta com 18 anos, é órfã, e passara a viver com o avô. Cursa o primeiro ano do Ensino Médio, encontra-se em liberdade assistida por ter participado de um assalto a mão armada e tem a prostituição como forma de garantir a satisfação de suas necessidades básicas.

Natasha reconhece que gravar seu diário, em vez de escrevê-lo, é uma saída para driblar as dificuldades que tem com a escrita. Dificuldades maiores, no entanto, parecem-lhe acenar na falta de sentido e de perspectiva de uma vida melhor, sentimento com que convive diariamente. Esse desânimo talvez explique porque emprega seu tempo a fumar maconha, andar à toa, sem rumo e o que fazer pela favela, “panguando”, diz ela (Trindade, 2010:21), ou a se prostituir. Suas precoces experiências sexuais aos nove anos, o convívio com a mãe contaminada pela aids e o acompanhamento de sua

decadência e morte, entre outras experiências trágicas vividas precocemente, parecem ser a fonte de sua desesperança.

Inicialmente ela se descreve como fisicamente bela e contente com sua aparência, no entanto, à medida que a narração progride, Natasha expõe seus sentimentos mais íntimos, dando a ver a carga de desilusão, tristeza e desejo de autodestruição que nutre: “Também não valho nada [...] tentei tomar um monte de remédio para me matar, mas pensei duas vezes por causa de minha filha” (Trindade, 2010:19).

As aulas perdidas em troca de “programas”, a prática mecânica do sexo profissional, o corpo violado por tantos homens e vendido como mercadoria, as agressões praticadas contra ela pelo traficante jovem a quem dedica sua afeição, a perda da guarda da filha, o crime praticado, e toda sua vida de desenganos, contudo, não lhe impede que deixe de sonhar com as atividades de que mais gosta e em que se mostra exímia: “Quero mesmo é abrir minha sala de crochê” (Trindade, 2010:44). Entretanto, sua situação de extrema vulnerabilidade não lhe garante que possa continuar sonhando, como o faz Britney.

2.3. Britney: da vida louca ao abandono dos sonhos

Britney encerra os registros que entrega à autora “da encomenda” com um saldo positivo de suas vivências no período em que registrava seu dia a dia. Busca dar sinceridade a seus relatos confessando empenho e disposição em descrever até as passagens mais difíceis daquele momento. E se houve mudanças concretas em sua vida desde o início da narrativa até o momento em que encerra a narração, elas passaram por um movimento de reflexão proporcionado pela escrita: “Pensei muito sobre minha vida enquanto escrevia” (Trindade, 2010:117).

Se, de fato, organizar seu cotidiano pela escrita e tornar-se autora de sua produção autobiográfica despertou na protagonista a responsabilidade por alterar seu próprio destino, os resultados de tal empoderamento foram bem imediatos. Se a narradora-protagonista inicia seu relato confessando, como Natasha, sua pouca disposição para escrever, termina-o convencida das alterações significativas, em seu modo de vida e em muitos de seus valores, durante esse processo.

Antes disso, seu relato descreve um cotidiano extremamente violento. Leva a vida com naturalidade em meio a extrema penúria, fome, intermitentes maus tratos dos familiares, constantes dores e doenças, brigas e agressões com meninos e meninas de gangues, e o envolvimento sexual com homens mais velhos, e a consequente dependência financeira deles. Dos três ou mais irmãos, apenas Keila mantinha proximidade com ela, que vivia dividida entre viver com a mãe e com a avó e um tio. Junto à mãe, Britney se via assediada sexualmente pelo padrasto. Já o tio era quem lhe instigava a sair para se prostituir, quando não era a avó que lhe maldizia e espancava.

Britney retoma, ao final de seu relato, a 6ª. série escolar, que havia abandonado em troca de uma vida na prostituição, a despeito de seus poucos 14 para 15 anos, completados no decorrer da narrativa e motivo de muita ansiedade pela festa. Após um constante vaivém por espaços hostis, acalma-se quando se envolve com o trabalho na lojinha, a escola, o curso de recepcionista e a ONG, preenchendo, assim, seu tempo com essas atividades. Demonstra ter amadurecido, reconhecendo resignada o descarte de seus sonhos com a carreira de modelo e de médica veterinária, mas abraçando a carreira de recepcionista, que o seu sorriso ainda lhe poderia oferecer.

2.4. Milena: do cansaço com a prostituição ao tráfico

Diferente das personagens anteriores, Milena se descreve entusiasmada com a possibilidade de escrever seu diário, o qual lhe acompanha em todos os momentos. Gosta de escrever, de criar poemas e letras de músicas e lê o livro *Christiane F., 13 anos drogada e prostituída*, identificando a história desse romance com a sua própria. O prazer a essa adesão à proposta de escrita chega a personificar o diário, tomando-o como confidente, seu interlocutor: “Se acontecer, fique despreocupado, meu diário, virei correndo contar” (Trindade, 2010:155).

Aos 19 anos, manifesta tristeza e desânimo, além de um envelhecimento precoce que se justificaria pelas dilacerantes experiências vividas. Em seu relato, conta sobre a prisão na Febem, por assalto, durante 18 meses; o estupro sofrido aos 12 anos e cometido por um homem de 60; as obrigações com as viagens de visitas íntimas ao “marido” arranjado na prisão; os roubos cometidos; a convivência afetiva com homens violentos; e o trabalho como traficante como opção à prostituição.

Em meio a essa vida complicada, o convívio na família numerosa e apertada no reduzido espaço do barraco, as aulas de dança na ONG, os bailes *funk* e o *rap*, e o uso diário da maconha lhe dão alento para seguir adiante, alimentando o sonho de que o filho possa ter uma vida melhor, proporcionada pelo pai que o “assumiu”. De índole romântica, a maior parte de seu tempo e registros revelam sonhos e preocupações intensas com namorados, com a prisão de um deles, o Juninho, com a vida amorosa, enfim.

Para Milena, o diário terá ainda a função de, ao transmitir a outras adolescentes e jovens sua experiência na prostituição, adverti-las sobre o engano que é a vida aparentemente fácil nessa atividade:

(...) estou adorando essa ideia de ter um diário. As meninas que vão ler o que escrevo e que, por acaso, estiverem entrando nesse bagulho de prostituição, vão ver que é tudo ilusão. Essa coisa de ganhar dinheiro para caramba é só no começo. Depois, os caras só querem zoar e acontece um monte de coisa ruim (Trindade, 2010:119).

Pretende que seu diário seja, assim, portador de um discurso exemplar. Assumindo o compromisso com a ética do mundo do tráfico, a narradora partilha de sua moral:

ontem eu ia assistir ao show de um grupo de rap que eu adoro, mas como ele ligou pedindo para eu depositar um dinheiro, resolvi não sair para não gastar. Como trabalho na boca, a gente sempre ajuda um irmão na cadeira. Ninguém sabe a hora que também vai precisa (Trindade, 2010:168).

Mostra, então, identificações com o lugar de fala de um indivíduo vinculado ao comércio ilegal e criminalizado das drogas.

2.5. Yasmin: das ruas da infância à emancipação

A escrita do diário é, para Yasmin, tempo e espaço de interlocução, de desabafo, nele projetando seus sofrimentos, sonhos e uma imagem de si. Por isso diz: “Vocês são meus ‘ouvintes intelectuais’. É bom desabafar” (Trindade, 2010:224). Reconhece também a importância da escrita como forma de comunicação com o outro, a fim de despertar esse leitor para a alteridade, e como forma de validar sua experiência e inscrevê-la no mundo. E reflete: “[...] é bom saber que vão poder conhecer a minha

história. [...] essa é minha luta e é bom que os outros vejam o que acontece além da vida deles” (Trindade, 2010:233).

Yasmin tocou, assim, no cerne da questão: seu diário deve servir para dar visibilidade à crua realidade que essas adolescentes e jovens vivem. Mas longe de se vitimizar por sua condição vulnerável, quer ser vista como alguém que luta pela vida e busca superar seus limites, como diz: “[...] quero que se lembrem de mim como uma guerreira que sou. Mesmo com todas as dificuldades que enfrente e ainda enfrento, não desisti de realizar meus sonhos” (Trindade, 2010:233).

A luta de Yasmin parte de sua percepção de que, em seus 17 anos, ela deva assumir a responsabilidade por cuidar dos irmãos, da mãe, do marido e ajudar a família dele, além de buscar arcar com seu próprio sustento. Assim, os cuidados com a casa, a preocupação com a alimentação, a saúde e o bem estar de todos são parte de sua rotina. Mas nesse percurso que Yasmin vai criando para si estão inscritas as cicatrizes de uma vida marcada pela vivência nas ruas dos 5 ou 6 aos 9 anos, vendendo chicletes, sendo abusada sexualmente desde os 12 anos por estranhos e familiares, como o avô e o padrasto, recebendo ofertas de dinheiro em troca de carícias sexuais. E depois, ainda adolescente, vê-se premida em uma vida de luta: luta para garantir a comida regrada, para se desviar de brigas com a sogra, para conviver com a exploração no trabalho como estagiária, para vencer o desânimo com o fracasso na escola, para driblar o alcoolismo do companheiro.

No entanto, para superar todas essas dificuldades, Yasmin resolve assumir o controle de sua vida e decide que o estudo, o trabalho, a profissionalização são fundamentais para possibilitar a construção de seus próprios caminhos, de sua independência financeira e de sua saída do universo mesquinho e opressor. E esses sonhos, ela não quer abandonar.

2.6. Vitória: do comércio de rosas e do corpo à conversão religiosa

Aos dez anos, Vitória descobre que, em lugar de apanhar por não conseguir vender as rosas que recebe da “amiga” de sua mãe, pode oferecer seu corpo infantil e arrecadar mais facilmente o dinheiro que lhe exigem. Dinheiro que a seduzia por lhe dar acesso à primeira boneca Barbie e permitir o consumo de tudo que, de outro modo, não

estaria a seu alcance. Talvez por isso, mesmo aos 20 anos, e agora mãe de duas crianças, ainda se encanta com brinquedos e participe da festa do dia das crianças na favela.

Mas as descobertas de Vitória continuaram a encaminhá-la para veredas aparentemente inevitáveis, como ao consumo intensivo de drogas, às transgressões à lei, à prisão durante mais de um ano. Sem um lugar para morar, vivendo “de favor” na casa de parentes e amigos, entrega os filhos aos cuidados de outros. Seu quarto em eterna construção lhe condena a sobreviver em um ambiente todos traficam e são ligados ao mundo do crime (Trindade, 2010:238). E, em sua vida incerta, apega-se à liberdade das ruas, rejeita o amor de homens que a querem e se firma na prostituição.

Contudo, esse corpo que lhe rende a sobrevivência econômica também é motivo de embaraço e falta de expectativa: “[...] é sempre aquela coisa de não querer estar ali. Tenho vergonha de me expor. [...] Se eu tivesse um emprego, uma coisa melhor para fazer mesmo ganhando menos, ia ser melhor” (Trindade, 2010:253-254). Por isso, mais que qualquer crença religiosa, é sua dignidade que ainda quer resgatar quando encontra um homem que lhe respeita como nunca tinha sido tratada até então. Em troca dessa consideração, muda radicalmente de vida, convertendo-se a uma religião e abandonando a prostituição. De igual modo, se a ONG é importante em sua vida, é por ver nela pessoas que se interessam por sua vida, com quem pode pensar seus problemas e buscar saídas para eles.

Por tudo isso, se falar de si no diário é tratado como uma ocupação, uma forma de preencher o tempo ocioso, esse esforço deve ser interpretado como a vontade de se reerguer, a despeito de todas as barreiras que encontram: “gosto de contar tudo o que faço [...] tem coisas nestas fitas que ninguém pode saber [...] Meu futuro se mostrou um desastre. Quase tudo que fiz foi uma derrota só. Mas tenho esperança” (Trindade, 2010:236).

2.7. Diana: do abandono à denúncia

O último diário foi transcrito da gravação de Diana, que, aos 14 anos, protagoniza uma situação de crescimento em quase completo desamparo. Cada membro de sua família, uma mãe e um irmão acometidos de transtornos psíquicos, vive em local diferente.

Por sua profunda dificuldade em ler e escrever, todo seu diário é gravado. Por não saber organizar as ideias em uma sequência lógica, muitas inserções da voz narradora do livro e organizadora dos diários aparecem para esclarecer situações da vida dessa personagem, bem como as circunstâncias da gravação.

Sua visão em relação à escola é de que se perde tempo nesse espaço, quando se precisa ganhar dinheiro para fazer face às necessidades e desejos de consumo. Em sua imaturidade, a menina demonstra não ter muitos escrúpulos em relação às pessoas com quem se relaciona sexualmente. Sua preferência pelo relacionamento com idosos é justificada pelo fato de eles pagarem os serviços prestados, não se esquivando disso de seus compromissos, como fazem os jovens. Advertida pela psicóloga da ONG sobre o incesto, e a impropriedade de seus encontros sexuais com seu tio, ela refere que pior que isso é ficar sem dinheiro. A amoralidade de seus comportamentos, a indiferença perante quaisquer normas ou valores morais e a desconfiança constante talvez estejam atrelados à sua própria história de vida.

E cada história expôs um percurso diferente. Já a obra filmica *Sonhos roubados* guarda, do livro, elementos essenciais, como o tema de fundo que traz à cena a vida de adolescentes e jovens que se desnudam para contar suas dores, sonhos, peripécias. Porém ultrapassa algumas fronteiras, descortinando para o espectador da película o que, no livro, por questões óbvias, fica em silêncio.

3. *Sonhos Roubados*: o filme

A preocupação central do filme é travar um diálogo com o livro que o originou e expor o drama que toca a vida não só das personagens, mas de toda uma população que repousa com grande desconforto às margens da sociedade brasileira. Tanto livro quanto filme são recortes que focalizam mazelas socioeconômicas como a prostituição infantil, a pedofilia, o abuso sexual, a fome, a doença, a falta de assistência social, mas também os sonhos, os risos e as peculiaridades das vidas das protagonistas.

O primeiro sintoma do caráter cinematográfico é o fato de no filme os corpos serem vistos e não só imaginados. Além disso, o som tem grande importância para a construção identitária do grupo de adolescentes e jovens. A música *Sonhos Roubados*

merece um capítulo à parte no que concerne à análise da composição do filme no diálogo com os outros elementos.

O filme se diferencia fundamentalmente do livro por meio da ficcionalização de diversos aspectos que no campo literário são construídos como “verdades”. Um deles, que acaba por promover um distanciamento dessa intertextualidade quase constante diz respeito à aparição, no filme, de apenas três personagens, enquanto que no livro elas são seis. A supressão é motivada, aparentemente, pelo fato de que suas histórias, às vezes bastante similares, podem funcionar esteticamente, se fundidas entre si.

O filme ilumina as vidas de três adolescentes e jovens que terminam por reverberar as seis vozes originais do livro, sem, no entanto, demonstrar uma preocupação excessiva com a representação fidedigna daquelas realidades. Dos principais problemas retratados no filme, ganham destaque: a prostituição infanto-juvenil, a ausência da figura materna, o abuso sexual e a falta de dinheiro. Cada uma dessas situações é construída no filme de maneira bastante contundente. Todos esses tópicos são trazidos ao livro por meio das falas das meninas. Essas temáticas, no filme, funcionam como fios que, juntos, tecem um mesmo e diversificado tecido. Fios esses que, por vezes, trocam de mãos, mudam de cores, se desfazem, como fica claro ao analisar a trajetória de cada protagonista do começo ao fim do filme.

Percebe-se um ir e vir nos processos de representação identitária: quem no começo do filme trabalha “honestamente” passa a se prostituir, quem se prostitui passa a trabalhar “honestamente”. O abuso é punido, a criança sem mãe ganha família substituta e assim por diante. O novelo se desenrola e às vezes volta a enrolar, passando ao espectador, por vezes, a sensação de uma perpetuação.

O tema da mãe, um dos pilares da obra, é recorrente. Já no começo da película a protagonista Jéssica é representada como a menina que ficou grávida na adolescência e que tem que abrir mão de sua vida de jovem, ou parte dela, para cuidar da filha. A criança, por sua vez, vive os dissabores de ser fruto de uma relação dissolvida, de ser filha de uma mãe que não tem disponibilidade naquele momento, para maternar. Como em um círculo vicioso, Jéssica também não tem mãe. “Minha mãe tá aqui” (*Sonhos Roubados*), diz Jéssica em frente à cruz no cemitério onde está enterrada a mãe que morreu de Aids, cinco anos antes, deixando para trás não só a lacuna na vida da filha, mas o ensinamento de que a vida que levava com o uso de drogas, sexo sem proteção, bebida e todo o tipo de comportamento considerado “desregrado” pode terminar por

levar a pessoa a um fim trágico. Esta sequência funciona no filme como a “moral da história”, muito comum aos melodramas clássicos.

Nesta mesma sequência do cemitério, o comentário de Sabrina dá conta de que a ausência da figura materna é, na vida dela, também um nó não resolvido. “Mãe é mãe”, diz Sabrina. E acrescenta, “a minha mais parece uma madrasta”. Daiane, a terceira das meninas, vive com a tia, que é casada com o tio que, por sua vez, abusa sexualmente dela desde há muito tempo, dando mostras de que a ausência da mãe, também neste caso, pode estar na origem do problema.

As três meninas circulam na película com a função de materializar não só os corpos imaginados pelo leitor do livro, mas também com a de dar vida a esses importantes temas que no livro são desvelados por meio de suas confissões. Têm ainda a importante função de descortinar a geografia da subalternidade quando ciceroneiam o espectador pelos espaços inacabados e cheios de lacunas, quase sempre as favelas, principais cenários do filme.

Ambas as obras demonstram preocupação com a representação de um suposto “antes” seguido da promessa de um “depois”, que transforma a heroína. Movimento ressaltado por Mikhail Bakhtin, ao cunhar o termo *cronotopo*, que trata da relação do personagem com o tempo e o espaço e, por estes transformado. As três protagonistas, cada qual de uma maneira, são apresentadas em um presente diegético e construídas, ao longo da narrativa, com outra vestimenta dramática, ainda que essa nova roupagem não esteja, necessariamente de acordo com normatividades específicas preconizadas pela sociedade brasileira, na qual estão inseridas, e muito menos com o doce *happy end* dos contos de fadas. Esta é uma crônica do asfalto, da vida nua e crua que nasce com o livro e repercute na grande sala escura.

A construção identitária de cada menina dá-se, assim, de maneira simplificada: por meio de uma série de diálogos e intertextualidades bastante esquemáticas. As três são representadas no início a partir de uma determinada identidade que, ao longo da narrativa flutua, constituindo-se, quase sempre, em uma “outra” identidade. O filme defende a ideia de que a trajetória das heroínas por um tempo e espaço determinados, em diálogo constante com a vida, não é inócua; a emancipação de si, ainda que não necessariamente no sentido positivo do termo.

3.1. Jéssica: da prostituição à vida em família



Figura 1 – Fonte: Werneck, Sandra (Dir.). *Sonhos roubados*.

Jéssica é apresentada no início do filme como uma menina precocemente mãe de uma criança, sobrevivendo da prostituição e de pequenos furtos. A figura da mãe, com suas diversas facetas, contamina sua representação. Ela própria perderá o direito à guarda da filha por mau comportamento, o que leva sua filha, também, a sofrer com sua ausência.

Sua trajetória é representada de maneira irregular, como se errasse e acertasse em algumas de suas escolhas. Mas ao final, após viver as agruras de uma vida sem objetivos, errante, decide sair da prostituição e trabalhar no mesmo lugar onde sua amiga Karina atuava no início do filme, garantindo para si e para sua filha o que seria uma vida mais digna. Distancia-se desta forma, do destino trágico de sua mãe, morta de Aids. Um outro elemento que atua para o novo desenho de sua identidade é Ricardo, namorado arranjado, prisioneiro, que promete dar a ela vida nova assim que ao terminar de cumprir sua pena. Apesar de, no livro, na história que retrata essa relação, o casal não ficar junto, no filme essa é uma via possível que dá ao espectador a impressão de que a protagonista está se esforçando para configurar sua vida de outra maneira.

A escolha por mudar de vida tem o apelo, no filme, da frustração vivida ao ser estuprada por dois homens. Curiosamente, a água da chuva que, junto com suas lágrimas não são capazes de livrá-la da dor, parecem lavá-la e emancipá-la do caminho errático que vinha seguindo. As lágrimas a acompanham até o dia seguinte quando, marcada em seu corpo pelo sexo violento e invasivo, com a boca machucada, pendura seu próprio rosto na corda, com olhos de desespero.

3.2. Daiane: do abuso sexual à vida digna



Figura 2 – Fonte: Werneck, Sandra (Dir.). *Sonhos roubados*.

Desde muito jovem, Daiane é submetida pelo tio, ao abuso sexual, sendo obrigada a prestar “favores” sexuais a ele. Após conhecer Dolores, uma cabeleireira experiente e corajosa, com um grande desejo de justiça, é salva do sofrimento e da humilhação. Graças à amiga, o tio vai preso e a menina, ao final, vai morar com Dolores, onde passa a aprender o ofício de cabeleireira. Enquanto se dedica a uma vida “honesta” vê-se que o pai dela, a quem tanto a garota busca ao longo da película e que é, durante toda a narrativa, construído como alguém sério e responsável, a observa de longe, como que aprovando seu comportamento.

É Dolores a responsável pelo que no filme é uma grande lição de moral e que, curiosamente, não se dá no livro. O tio abusador é preso, e Daiane, a garota que não tem mãe, mora com a tia. “Minha tia disse que minha mãe era louca”. A cena em que o filme constrói para o espectador o que no livro não se vê, dá-se quando o tio entra no quarto da garota e a vê seminua. Cansada de ter que aceitar o assédio e o abuso sexual, e já iniciada na vida da prostituição, Daiane resolve alterar a relação com o tio e avisa que a partir daquele momento, se ele a quiser como mulher, terá que pagar. O tio entra no esquema de prostituição e vira cliente da menina. Além de encarnar a justiceira, Dolores garante a Daiane a presença do pai na vida da menina. A mulher o força por meio de uma chantagem a responsabilizar-se pela garota e a assumir como filha. É graças a Dolores que Daiane realiza o sonho de dançar a valsa de 15 anos com o pai, trazendo para o seu universo miserável a figura do ritual de iniciação tão raro em vidas marginalizadas como a dela.

Enquanto no filme a sequência dá voz à representação da realização de um desejo, quase de maneira perfeita, não fosse pela saída brusca do pai da garota ao final da valsa, no livro, a descrição do que seria a festa de 15 anos é feita de maneira bem mais naturalista. Não poupa ao leitor a figura da pobreza e da miséria, como a que se percebe com a descrição da mãe da menina, desdentada e com lábios pintados, dando a ver o contraste grotesco entre a miséria e uma estética pasteurizada.

3.3. Karina: Do trabalho formal à prostituição



Figura 3 – Fonte: Werneck, Sandra (Dir.). *Sonhos roubados*.

Karina trabalha em uma lanchonete no início do filme e, ao longo da narrativa, após envolver-se com um traficante, Wesley, abandona o emprego para viver às custas dele. Ao ver-se grávida, passa a ser representada a partir da identidade de mãe, temática, como se disse antes, recorrente na película e no livro.

Na sequência em que conta para seu amante que está esperando um filho dele, o apoio que confiava receber é transformado em decepção e violência. Ele a agride e demonstra sua desconfiança e falta de consideração, abandonando-a, já que ela não quer abortar. Desempregada e sem o apoio da família e do ex-amante, tenta trabalhar como distribuidora de panfletos, mas, ao final, rende-se às supostas facilidades da prostituição. Apesar de ganhar a vida vendendo o próprio corpo, após ser expulsa da casa de Wesley e por este deixada à própria sorte, demonstra desejo de estar com o filho.

4. Considerações finais

Observa-se que a película dá a ver a construção, mas também a desconstrução de algumas normatividades sociais e não se preocupa em fazer enxertos nas vidas das meninas, ainda que ficcionalize abertamente a narrativa, e dê novas cores ao que é trazido no espaço literário. O filme, ainda que se distanciando de algumas referências que no livro são bem marcadas, busca garantir a “verdade” às vozes que materializa sem se ater ao que seria o “correto”, o caminho mais curto para a felicidade, ou o final feliz. O final do filme, assim como o do livro, descortina a nem sempre fácil realidade das protagonistas, debruçando-se sobre um possível futuro.

Se em *As meninas da esquina: diários dos sonhos, dores e aventuras de seis meninas do Brasil*, essa posteridade é menos vaga, já que as vozes que se confessam ali

voltam à cena para contar o seu presente diegético após a entrega do diário sob encomenda, *Sonhos roubados* não focaliza esse futuro. Constrói esteticamente, apenas, a relação das adolescentes e jovens com o obscuro cenário por onde seus corpos adentram no último plano da película, cobertos apenas pelo olhar do espectador e pelas palavras repetitivas e quase proféticas da música que afirma que “meus sonhos, ninguém vai roubar”.

Considerando-se que a intertextualidade, para Bakhtin, “é, antes de tudo, a intertextualidade ‘interna’ das vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo o diálogo com outros textos” (Barros, 1999:4), percebem-se como as falas das adolescentes e jovens conformam suas identidades, ao trazer ideias, crenças, valores e visões de mundo que dialogam entre si e que se reforçam, se contestam, se complementam. Essas falas das meninas, ao final do livro, são analisadas por uma voz autoral que busca desconstruir, com suas “100 anotações”, crenças fossilizadas de que o destino que as meninas vêm cumprindo deva ser o único possível a suas filhas e suas descendentes e mostra que é necessário o empenho do Estado, mediante políticas públicas que sejam eficazes na solução do problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bakhtin, Mikhail. 1979. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi. Vieira. São Paulo: Hucitec.

Bakhtin, Mikhail. 1992. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

Bakhtin, Mikhail. 1993. *Toward a Philosophy of the Act*. Trad. de Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press.

Barros, Diana Luz Pessoa de. 1999. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: Barros, Diana Luz Pessoa de; Fiorin, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, p. 1-9.

Joffe, Heléne. 1998. Degradação, desejo e ‘o outro’. In: Arruda, Ângela (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes. p. 109-120.

Trindade, Eliane. 2010. [2005]. *As meninas da esquina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record.

Werneck, Sandra (Dir.). 2010. *Sonhos roubados*. Produção: Sandra Werneck e Elisa Tolomelli. Roteiro: Paulo Halm *et al.* Europa Filmes. DVD. Dolby. 2010. 92 min. Formato de tela widescreen anamórfico.

